

NÍVEL DO CONHECIMENTO SOBRE SEUS PRÓPRIOS ERROS REFRACTIONAIS EM INDIVÍDUOS DA CIDADE DE MANAUS-AM

Daniella de Mendonça Menezes Pinheiro¹, Manuel Neuzimar Pinheiro Júnior², João Jorge Nassarala Júnior³.



Abstract

Objetivo: Acessar o nível de conhecimento de portadores de ametropias sobre seus próprios erros refracionais.

Método: Questionário com 5 questões objetivas foi apresentado a indivíduos escolhidos aleatoriamente, com dois critérios de inclusão: 1) ser usuário de óculos / lentes de contato há pelo menos um ano, ou ter sido submetido a cirurgia refrativa; 2) ter 18 anos ou mais, entender o propósito do presente estudo e estar disposto a responder às perguntas do questionário.

Resultados: 850 indivíduos, abordados em um centro comercial de Manaus-AM, responderam ao questionário: 63% tinham o ensino fundamental completo ou não, 25% haviam concluído o ensino médio, 7% tinham nível superior e ou pós graduação e 5% eram analfabetos ou não informaram o nível educacional. Um total de 68% dos entrevistados usava ou já havia usado correção óptica por 1 ano ou mais, e desses, 57% não sabia qual era a sua ametropia. Entre os entrevistados que sabiam qual era a sua ametropia, o achado mais comum foi miopia. Entre os que não sabiam qual era o seu erro refracional, a maioria informou que “o médico ou outro examinador não explicou” (42%), que “não lembrava” (37%) e o restante (21%) que “não teve interesse de saber”.

Conclusão: Há óbvia falta de conhecimento dos indivíduos entrevistados sobre o motivo de estar usando ou ter usado correção óptica, e sobre qual é a sua ametropia, o que pode estar associado à sua simples falta de interesse ou ao baixo nível educacional.

Descritores: Ametropias; Miopia; Hipermétropia; Astigmatismo; Presbiopia.

1. Acadêmica do quarto ano de Medicina. Universidade Nilton Lins. em Manaus-AM.

2. Professor Doutor pela UnB. Faculdade de Medicina da Universidade Nilton Lins. Setor de Córnea e Cirurgia Refrativa da Oculare Oftalmologia, e Manaus-AM

3. Professor Doutor pela UnB e pela UFMG. Chefe do Setor de Retina do Instituto de Olhos de Goiânia, em Goiânia-GO.

Os autores declararam não haver conflitos de interesse.

Introdução

As ametropias são importante causa de deficiência visual e precisam ser diagnosticadas com precisão, por profissionais médicos oftalmologistas habilitados para tal¹. O diagnóstico da condição refracional é realizado através de métodos de avaliação tradicionais como a medida da acuidade visual, a retinoscopia, e a refração antes e após ciclopégia, e também com o auxílio de aparelhos tecnológicos, como o auto refrator computadorizado, o ceratômetro, topógrafo de córnea, e outros^{1,2}. Muitas vezes, principalmente em países em desenvolvimento, o acesso à consulta médica oftalmológica é dificultado, pois existe uma distribuição irregular de profissionais habilitados em um país como o Brasil, por exemplo^{2,3}. O foco na informação da população sobre a importância da realização de exames médicos oftalmológicos periódicos e bem feitos, realizados por médicos oftalmologistas, precisa ser enfatizado pelos profissionais envolvidos, e mais do que isso, também há que se dar ênfase na orientação do paciente sobre seu próprio problema oftalmológico⁴.

Objetivo

O objetivo do presente estudo foi acessar o nível de conhecimento de portadores de ametropias variadas (miopia, hipermetropia, astigmatismo, presbiopia) sobre seus próprios erros refracionais, avaliados ao acaso, na cidade de Manaus-AM.

Métodos

Questionário com 5 questões objetivas respondido via telefone móvel, com a utilização de aplicativo para esse fim (Survey Monkey®, San Mateo, Califórnia, EUA) foi apresentado a indivíduos escolhidos aleatoriamente, com dois critérios de inclusão: 1) ser usuário de óculos / lentes de contato há mais de um ano, ou ter sido submetido a cirurgia refrativa; 2) ter 18 anos ou mais, entender o propósito do presente estudo e estar disposto (a) a responder às perguntas do questionário.

Resultados

850 indivíduos, foram abordados em um centro comercial de Manaus-AM, aleatoriamente, com alternância entre sexo masculino e feminino, e incentivados a responder ao questionário elaborado para acessar seu nível de conhecimento sobre suas próprias ametropias: 63% tinham o ensino fundamental completo ou não, 25% haviam concluído o ensino médio, 7% tinham nível superior e ou pós graduação e 5% eram analfabetos ou não informaram o nível educacional. Um total de 68% dos entrevistados usava ou já havia usado correção óptica por 1 ano ou mais, e desses, 57% não sabia que tipo de ametropia era portador. Entre os entrevistados que sabiam qual era a sua ametropia, o achado mais comum foi a miopia. Entre os que não sabiam qual era o seu erro refracional, a maioria informou que “o médico/examinador não explicou” (42%), que “não lembrava” (37%) e o restante (21%) que “não teve interesse de saber”.

Discussão/Conclusão

Muitos estudos já foram realizados no Brasil para acessar prevalência de erros refracionais³⁻⁷, e até sua associação com interferência no aprendizado de escolares⁸. Estudos revelam que a prevalência de miopia está aumentando no Brasil e no mundo⁹. Não existem muitos estudos que revelem o nível de conhecimento dos pacientes de uma forma geral sobre seus próprios erros refracionais⁴. O presente estudo demonstrou que há óbvia falta de conhecimento dos indivíduos entrevistados sobre o motivo de estar usando ou de ter usado correção óptica, e sobre qual é a sua ametropia, o que pode estar associado à sua simples falta de interesse ou ao baixo nível educacional e enfatiza a necessidade de campanhas educativas para motivar os interessados a conhecerem seu próprio problema refracional, bem como a procurarem profissional médico oftalmologista para realizar avaliação refracional adequada. Importante enfatizar, que embora não fizesse parte do escopo do presente estudo, um percentual considerável dos entrevistados não sabia com certeza se havia sido examinado (a) por médico oftalmologista,

Referências Bibliográficas

1. Ribeiro GB et al. Avaliação oftalmológica de crianças de escolas públicas de Belo Horizonte/MG: um panorama acerca da baixa acuidade visual. *Rev Bras Oftalmol.*. 2015;74(5):288-291.
2. Brazilian Institute of Geography and Statistics, “Censo 2010”. n JB, Romano V, et al.
3. Brazilian Ophthalmology Council. “Ocular health conditions, Blindness and visual deficiency in Brazil”. São Paulo (2015).
4. Figueiredo LV, Alcântara DR, Nassaralla Jr JJ. Level of knowledge about refractive error and corrective lenses in patients of Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto – São Paulo. *EC Ophthalmology* 10.9 (2019).
5. Rocha MN., et al. “Prevalence of eye disease and refractive errors in children seen at a referral Center for ophthalmology in the central-west region, Brazil”. *Rev Bras Oftalmol.* 2014; 73(4): 225-229.
6. Jane de Eston Armond JE, Temporini ER, Alves MR. Promoção da saúde ocular na escola: percepções de professores sobre erros de refração. *Arq Bras Oftalmol.* 2001;64(5):395-400
7. de Oliveira CAS et al. Erros de refração como causas de baixa visual em crianças da rede de escolas públicas da regional de Botucatu - SP. *Arq Bras Oftalmol.*. 2009; 72 (2):194-198.
8. Lemos LE, Pinheiro Jr MN. Erros refracionais e sua influência no aprendizado de jovens escolares da Cidade de Manaus. *Rev Bras Oftalmol.* 2002; 61(4): 268-76.
9. Vilar, MMC, Abrahão MC, Nassaralla Jr JJ. Aumento da prevalência de miopia em um serviço oftalmológico de referência em Goiânia - Goiás. *Rev Bras Oftalmol.* 2016; 75 (5): 356-9.
10. Couto Jr, AS et al. Alterações oculares em crianças pré-escolares e escolares no município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil. *Rev Bras Oftalmol.*. 2010;69(1): 7-12.